



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL - EEDH**

**A CRIANÇA HIPERATIVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL: FAMÍLIA E ESCOLA**

BENEDITA PEREIRA LACERDA

BRASÍLIA – DF

2015



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

BENEDITA PEREIRA LACERDA

**A CRIANÇA HIPERATIVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL: FAMÍLIA E ESCOLA**

Monografia apresentada a
Universidade de Brasília (UnB) como
requisito para obtenção do grau de
Especialista em Educação e para os
Direitos Humanos, no contexto da
Diversidade Cultural

Professor Orientador: Dra. Maria Salete Karn Machado

**BRASÍLIA
2015**

BENEDITA PEREIRA LACERDA

**A CRIANÇA HIPERATIVA NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL: FAMÍLIA E ESCOLA**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

BENEDITA PEREIRA LACERDA

Professor-Orientador

Professor-Examinador

Brasília, 19 de Dezembro de 2015

DEDICATÓRIA

*A meus pais, irmãos, a meus filhos
e a toda minha família, pelo carinho e
apoio, e a todos aqueles que estiveram e
estão próximos a mim, fazendo esta vida
valer cada vez mais a pena.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. A meus filhos, Solange, Simone e Samuel que estão sempre presentes em minha vida, a minha tutora e colegas de turma, *agradeço* também aos meus amigos: Viviane, Wilkson e Eligiana, pelo incentivo e pelo apoio constante, e em especial a minha orientadora, Maria Salete, que teve paciência e me orientou bastante a concluir este trabalho.

*"Somos diferentes, mas não
queremos ser transformados em
desiguais. As nossas vidas só precisam
ser acrescidas de recursos especiais".
(Peça de teatro: Vozes da Consciência,
BH).*

RESUMO

A pesquisa foi realizada através da observação de um aluno com TDAH, em sala de aula, investigando e fazendo análise das dificuldades de aprendizagem enfrentadas. Relata problemas sofridos por esse estudante no ambiente escolar, familiar e no convívio social, decorrentes do comportamento impulsivo. Visa também esclarecer que a criança com Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade, em sala de aula, distancia das demais, justamente por ter características de agitação, inquietude e falta de atenção, o que torna difícil a convivência com outras crianças. Os pais punem muito sem saber o que realmente acontece. Em sala de aula, às vezes, a criança fica isolada porque não sabe e não admite perder em nenhuma brincadeira e jogos. Tal situação torna-se um desafio para os educadores contemporâneos, pois requer cada vez mais a busca de conhecimentos a respeito da inclusão, dos Direitos Humanos e da Diversidade cultural. No entanto é de suma importância, buscar relacionar também a integração família-escola frente a esta questão, analisando as possibilidades do estudante na tentativa de amenizar os efeitos da hiperatividade que pode afetar no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Desta forma, fica evidente a importância da integração entre os membros da família e da relação família-escola para o desenvolvimento da criança hiperativa em todos os aspectos e a diminuição dos problemas enfrentados por todos que convivem com essa criança.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Família. Escola.

ABSTRACT

The survey was conducted by observing a student with TDAH in the classroom, investigating and making analysis of facing learning difficulties. Reports problems suffered by this student in the school environment, family and social life, resulting from impulsive behavior. It also aims to clarify that the child with attention-deficit Hyperactivity Disorder, in the classroom, distance from the others, just to have agitation characteristics, restlessness and inattention, making it difficult to live with other children. Parents too punishing without knowing what actually happens. In the classroom, sometimes the child is isolated because they do not know and does not admit to lose in any game and games. This situation becomes a challenge to contemporary educators, as more and more requires the search for knowledge about the inclusion of Human Rights and Diversity cult. However it is of paramount importance, seek also relate to integrate family-school front of this issue, analyzing the student's possibilities in an attempt to mitigate the effects of hyperactivity that can affect the cognitive, social and emotional development of children. Thus, it is evident the importance of integration between family members and the family-school relationship for the development of hyperactive child in all aspects and the reduction of the problems faced by all who live with this child.

Keywords: Attention Deficit Disorder / Hyperactivity Disorder. Family. School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
3. OBJETIVOS.....	12
4. JUSTIFICATIVA.....	13
5. METODOLOGIA.....	15
6. FUNDAMENTAÇÃO.....	20
7. INTERVENÇÃO.....	26
8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....	27
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
10. ILUSTRAÇÕES.....	32
11. REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

O assunto abordado nessa pesquisa, o Transtorno de Déficit Atenção/Hiperatividade (TDAH) é muito complexo, visto que “a criança hiperativa representa um enorme desafio para pais e professores [...]”.

(GOLDESTEIN, 1998, p.19).

A criança hiperativa ainda é um grande desafio para pais e professores, já que o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é persistente e é comum na infância. As manifestações do transtorno que são a desatenção, agitação, excesso de atividade motora, impulsividade e a baixa autoestima trazem inúmeras consequências para vida da criança hiperativa, pois afeta diretamente o relacionamento com a família, com a escola, com os amigos e na maioria das vezes podem sofrer exclusão social.

Para reconhecer a criança com Transtorno do Déficit de Atenção com/sem Hiperatividade (TDAH), faz-se necessário principalmente entender o que é aprendizagem e quais os fatores que nela interferem.

Pode-se dizer, numa linguagem simples e compreensível, que a aprendizagem é um processo complexo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta em uma mudança de comportamento. Também não podemos desprezar que, de acordo com a lógica da diversidade cultural em que estamos inseridos, recebemos diariamente um acúmulo de informações, as quais nem conseguirmos nos apropriar de metade delas, devido a estimulação excessiva que sofremos.

(RIZZO, 1985), “admite que crianças hiperativas dão muito trabalho à professora, mas não aconselha combater a agitação, mas proporcionar atividades variadas que ocupem a criança, o maior período de tempo possível dando a ela liberdade de escolhas e de movimentos.”

No entanto, as atividades pedagógicas privilegiam a focalização, que envolve também o estudante que estar quieto em algum lugar, imóvel, prestando atenção, ou seja, acredita-se que quanto menos estímulos externos o aluno tiver, mais eficaz será sua aprendizagem.

PROBLEMATIZAÇÃO

O que é o TDAH?

Por que investigar a criança com TDAH?

Qual a melhor forma de agir com criança Hiperativa e desatenta em a sala de aula? Quais as contribuições que os educadores podem oferecer a esses alunos?

Atualmente, o número de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é cada vez maior, portanto são necessárias novas medidas pedagógicas e estratégias para atendê-las. Os professores devem ter formação profissional que os habilite a esses atendimentos, utilizando metodologias de ensino adequadas. Mas, como fazer para isso acontecer? Como auxiliar nossas crianças com TDAH, como atender suas demandas, suas necessidades? Quais as metodologias e estratégias que deve-se seguir? De que forma nós educadores, podemos contribuir para repensar os processos de aprendizagem diante da diversidade cultural? Quais são as queixas dos da família?

OBJETIVOS

GERAIS:

Investigar as dificuldades de aprendizagem através do estudo de caso de uma criança com TDAH, analisar e conhecer o impacto que a hiperatividade exerce sobre a família, escola e especialmente para alunos em suas interações sociais entre família com escola;

Analisar as contribuições da inclusão social para o desempenho resgatando o fortalecimento da autoestima do aluno em fase escolar.

ESPECÍFICOS:

- Valorizar dentro do ambiente escolar a importância do diálogo;
Promover a integração entre família e escola, estimulando o rendimento e o comportamento escolar;
- Discutir com os alunos a participação dos pais em sua vida escolar e suas expectativas relação à integração em meio social, na diversidade cultural e dos Direitos Humanos.

JUSTIFICATIVA

Vivemos em um mundo com diversidades de Culturas, onde temos algumas questões relevantes da área dos distúrbios da aprendizagem de Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade na escola. Assim essa pesquisa tenta esclarecer as intervenções acerca da participação do professor, família com a escola na construção do conhecimento do aluno com TDAH.

A Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 2º diz que:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Uma das causas que me levou a trabalhar esse tema, foi justamente o fato de relembrar-me de muitas passagens de minha vida profissional. Começando com o projeto Se Liga (alunos com problemas de aprendizagem e com defasagem de idade) em 2003 na Escola Municipal Darci Ribeiro em Águas Lindas de Goiás, em turmas de alfabetização de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. De 2007 a 2012 em Escolas Classes de Ceilândia DF, com turmas de 1º ao 5º ano. Em 2013 e 2014, na Escola Municipal Rui Barbosa, onde foram realizados trabalhos diversificados com os estudantes, e voltados para e envolvendo a comunidade escolar, no intuito de resgatar e aprender a conviver com as diversas culturas. E agora em 2015 na escola Classe 16 de Ceilândia DF, Onde, foi desenvolvida a pesquisa sobre o estudo de caso do aluno Samuel, de 5 anos de idade, da Educação Infantil. Ele possui dificuldade de comportamento e concentração, seguida da queixa de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade).

A escola inclusiva, composta por: Educação infantil, Ensino Fundamental (1º ao 5º ano e Ensino Especial). Funciona com 19 turmas no período matutino e 19 turmas no período vespertino com um total de 827 alunos. São 8 turmas de Educação infantil, 3 classes especiais (2 TGD, 1 DI) e 27 turmas de Ensino Fundamental. Portanto, o total de alunos com necessidades especiais que

estudam na escola é de 59. Sendo, 22 DI (Deficiência Intelectual), 1DF (Deficiência Física), 1 DA (Déficit de Atenção), 6TGD (Transtorno Global), 6 DMU (Deficiências Múltiplas), 1 TC (transtorno de Conduta) e 22 com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade).

METODOLOGIA

O estudo foi realizado por meio do uso dos seguintes instrumentos de coleta de dados:

Conversa informal com a pedagoga da escola;

Entrevista com o estudante;

Entrevista com a mãe da criança (relato por escrito sobre a vida e a educação do filho);

Atividade de desenho livre e auto-retrato com a criança;

Relato de experiência pela professora deste aluno e com outros TDAH, em anos anteriores em outras escolas.

A pesquisa de cunho qualitativo foi realizada através da observação e dirige-se a um estudante com TDAH, em sala de aula de uma escola pública de Ensino Fundamental, que fica em Ceilândia, DF.

As entrevistas com o aluno aconteceram em horários de aula; com a mãe, o contato foi feito após o período de aula, em coordenação.

Foi elaborado um termo de autorização da mãe, para obter seu devido consentimento. Um relato oral e escrito de vivência da vida e da educação do estudante pela mãe, onde foram discutidos os estilos parentais, questões levantadas durante a gravidez e a agora em sua formação escolar, disciplina punição (através de questionamento reflexivo), troca de ideias e experiências vividas num trabalho cooperativo entre escola e família.

Como descreve Yin (2005, p.19) “em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Investigando a interação entre a família e a escola, foi possível observar a realidade da criança e conhecer os problemas de aprendizagem e sugerir algumas intervenções com intuito de diminuir ou sanar as dificuldades enfrentadas pela criança.

Dessa forma, deve-se proporcionar um ambiente acolhedor, demonstrando afetividade de modo equilibrado com todos da turma, pois a sala de aula para atender alunos com TDAH, necessita ser organizada e estruturada. Utilizando

material didático adequado à habilidade da criança, ou seja, pequenos arranjos na arrumação de sala com uso de material concreto, atividades lúdicas diversificadas e desafiadoras de criar, construir e explorar (oficinas, painéis, aulas expositivas, estudo dirigido, entre outras pesquisas). Bem como formar grupos pequenos favorecendo a interação social (priorizando a aprendizagem da criança com TDAH e valorizando tanto o trabalho individual como também o coletivo no ambiente escolar).

EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA:

Durante a minha experiência em sala de aula deparei com alunos agitados, que arrancam os brinquedos de seus colegas, andavam de um lado para o outro e não conseguiam ficar muito tempo sentado, no mesmo lugar. Raramente terminavam as tarefas solicitadas. Em algumas vezes chegavam a ser agressivos. Esse comportamento, geralmente confundido com indisciplina, é característico de um Distúrbio de Atenção.

Em cada ano uma turma diferente mas, histórias parecidas. Entre meus alunos sempre havia aqueles que se enquadrariam na descrição de “alunos problema”.

Lembro-me também de que muitos deles até apresentavam algumas dificuldades, sobretudo de ordem comportamental. Uma forma peculiar daquilo que, alguns professores, ainda denomina-se de “mau comportamento”. Aquela forma comum desse adjetivo, destinada aos alunos que não se interessam pela aula, pela escola ou aqueles que têm problemas em casa, ou ainda simplesmente aqueles que expressam a rebeldia. Às vezes falavam incansavelmente, eram inquietos e ainda ficavam provocando os colegas. Outros demonstravam ser “desligados”.

A criança com TDAH, escuta várias vezes sobre o que não deve fazer, mas também não sabe o porquê de não poder fazer aquilo e o que deveria estar fazendo em seu lugar. Às vezes, é punida por algo de errado que não sabe bem o que é, ao passo que ninguém lhe diz o que ela deveria estar fazendo.

De acordo com estudos realizados por Farrel (2008), isto implica em saber que há um paralelo entre a aprendizagem de descoberta (estimulada pelo professor e desenvolvida pelo aluno) e a relevância da prática pedagógica utilizada, no sentido de que a descoberta orientada é considerada a abordagem mais útil na aprendizagem de descoberta. A exploração é importante, mas ela será mais útil para a aprendizagem se for estruturada de modo a encorajar as conexões com as atividades práticas (manusear, olhar, escutar, mover coisas), a serem feitas e as aprendizagens que devem ocorrer com o estudante, afirma Farrel (2008).

ENTREVISTA COM O ESTUDANTE:

Prof.^a (eu): Samuel, você mora com quem?

R-(Samuel): eu moro com minha mãe, meu pai (mas eu não gosto dele) e meu primo (que um chato).

Prof.^a(eu): Por que você não gosta de seu pai e nem do seu primo?

Samuel: porque meu pai é bravo e meu primo me bate e toma meus brinquedos.

Prof.^a (eu): Quando você não está na escola, o que mais gosta de fazer?

Samuel: ficar no colo da minha mãe, ir para a chácara de minha tia, brincar muito e montar nos cavalos. Se eu ficar em casa eu quero ir para a rua. Minha mãe não deixa e eu zango com ela e jogo as coisas no chão.

Prof.^a (eu): Hum! E você gosta de vir para a escola?

Samuel: eu gosto porque brincar no parquinho, no recreio e na sala também, mas meus colegas não gostam de mim. Ai eu bato neles e fico zangado.

Prof.^a: Porque você pensa assim e se comporta assim?

Samuel: Ficou cabisbaixo por algum tempo. Depois disse: não sei o que tem na minha cabeça

Prof.^a: Você gosta de sua professora (eu)?

Samuel; Só quando a senhora tá boazinha.

.

MINHA OBSERVAÇÃO:

Depois da entrevista, em conversa com a criança, ela afirmou que não gosta do pai porque ele é bravo demais. Disse que gosta da mãe e da professora. Quanto aos colegas de sala, disse não gostar de interagir com a maioria. Considera que alguns batem nele sem motivo. Percebe-se que ele na verdade se relaciona mais intensamente com poucos colegas da sala mostrando dificuldade de socialização com os demais.

Conforme as observações feitas em sala de aula e também no pátio da escola no momento da recreação, ele não apresentou agressividade com os colegas, a não ser quando provocado. Durante as atividades propostas em sala de aula, o aluno se dispersa com estímulos externos ou fica inquieto, agitado. Às vezes se decepciona por qualquer motivo, se irrita a todo o momento nas brincadeiras com os colegas e qualquer brincadeira tira sua atenção no horário de estudo em sala de aula, necessitando constantemente da intervenção da professora com atendimento individualizado e sistematizado.

Segundo Ana Beatriz (2003), “A criança TDAH é assaltada por um fluxo incessante de ideias e imagens, ela tem dificuldade de ser concisa e objetiva ao falar. É comum que um assunto puxe outro, e no instante seguinte já não sabe mais por que está falando aquilo ou mesmo o que estava falando antes. É importante que pais e/ou cuidadores e professores tentem ser compreensivos e mesmo aprendam a enxergar o lado divertido dessas características e brincar com a criança sem fazê-la se sentir inadequada, ajudando-a a se concentrar no assunto em questão”.

RELATO DO CASO DO ESTUDANTE SAMUEL, POR SUA MÃE

Segundo o relato da mãe da criança acima citada, ela teve uma gravidez difícil. Sentia muitas dores e mal estar fora do normal. Logo que o menino nasceu, começaram aparecer os problemas de saúde, tais como: perda de peso e forças para mamar. Aos 6 meses de idade teve bronquite e alergia às alimentações (verduras e leite). Devido tratamento com antibióticos, os médicos observaram

uma alteração no coração do Samuel. Entre exames e tratamentos, durou um período de dois anos.

A partir de então, perceberam que o Samuel era muito agitado e nervoso. O cardiologista encaminhou para o neurologista e psicólogo, onde fez tratamento e até hoje faz acompanhamento todos os meses.

Em casa ele é agressivo, nervoso e agitado. Precisa estar sempre atenta com ele, pois não tem noção e nem medo do perigo (altura, abismo entre outros). Praticamente tem que ficar com ele trancado ,dentro de casa.

Na escola, ele fugia muito no início, não queria ficar na sala, gostava sempre de pular e sair correndo sem rumo. Em outros locais como shopping, rua, supermercado, etc, ele é muito agitado e sem paciência. Principalmente quando quer uma coisa e não ganha faz um escândalo e às vezes sai correndo e até mesmo se perde.

A relação dele com o pai é um pouco difícil, pois apesar de sempre morar com eles, mas por causa do trabalho, nem sempre podia colaborar com as rotinas diária da família. Por isso a convivência dos dois até hoje é complicada. Samuel é um menino difícil de lidar e pai não tem paciência. Relata que Samuel só obedece o pai por medo da voz alta e grossa, ou seja, deve sentir medo.

A convivência com a mãe é mais tranquila, mas algumas vezes, ele quer ter autoridade sobre a mesma. Quando contrariado, começa a quebrar os brinquedos que ver em sua frente. Depois diz que não gostava mais deles.

Disse que ela se dedica a vida do Samuel e faz sempre o possível para ajuda-lo.

O quadro se agravou depois que um tio foi assassinado. Ele não consegue esquecer do assunto. Relatando o que lembra e fica cada vez mais agressivo. O mesmo continua sendo acompanhado pela psicóloga.

FUNDAMENTAÇÃO

Percebe-se que, à medida que a humanidade cresce suas necessidades de intervirem no meio em que vivem com membros de diversas culturas e etnias acompanham esse crescimento, criando muitas vezes tensões, conflitos com relação a esta diferença.

Diversas pesquisas veem apontando para necessidades de métodos interventivos, principalmente no dia a dia em sala de aula, com isso demonstrando o quanto o trabalho com familiares na escola pode fortalecer espaços democráticos de estudos que contribuem para aperfeiçoar a relação família e escola com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem com alunos com TDH e o mundo das diversidades culturais, acreditando-se ser possível em uma ação didática pedagógica mais envolvente, na qual seja valorizada a afetividade, possa contornar os problemas de aprendizagem e proporcionar aos pais suportes necessário para conduzir da melhor forma a convivência familiar e a interação do hiperativo na sociedade.

O Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ele é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção)

Porque o TDAH na infância em geral se associa a dificuldades na escola e no relacionamento com as demais crianças, pais e professores. As crianças são tidas como “avoadas”, “vivendo no mundo da lua”, entre outros.”

Para propiciar a aprendizagem do aluno com TDAH é necessário favorecer o desenvolvimento da atenção voluntária, sendo fundamental que o educador compreenda como ocorre o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, Eidt e Ferracioli (2013) destaca a função do educador diante a esse processo sendo, de fundamental importância que o educador, especialmente para a educação infantil, conheça os processos constitutivos das funções superiores, pois só assim será capaz de atuar de forma qualitativamente

superior no desenvolvimento de seus alunos, numa atuação pedagógica consciente e, cada vez mais, humanizadora. (EIDT E FERRACIOLI, 2013, p.123).

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH é um dos temas de maior relevância no campo educacional e da saúde na contemporaneidade. Tratar essa questão no sentido de compreendê-la com maior precisão é fator fundamental para o atendimento de qualidade aos estudantes com TDAH nos contextos das escolas.

Como a hiperatividade é um quadro bastante frequente na idade escolar, pouco se sabe sobre suas causas, contudo temos conhecimento sobre suas manifestações sintomáticas. Geralmente a criança que apresenta comportamento hiperativo é vista como agitada e desatenta.

Isso porque, são típicas da infância a agitação, as correrias, a falta de atenção em atividades encadeadas e um tanto prolongadas, principalmente se não tiverem algum atrativo especial. O sinal que pode diferenciar uma criança DDA de outra que não seja é a intensidade, a frequência e a constância daquelas três principais características. Tudo na criança DDA parece estar “a mais”(desatenção, inquietude e impulsividade). Entretanto é comumente associado com outros transtornos mentais e de desenvolvimento como o Transtorno de Aprendizagem, o que acaba dificultando a diferenciação entre as crianças que apresentam ou não o problema.

Parafraseando Ana Beatriz (2003): Dificuldades maiores começam a surgir no âmbito escolar quando a criança é solicitada a cumprir metas e seguir rotinas, executar tarefas e ser recompensada ou punida de acordo com a eficiência com que são cumpridas. Os pais e/ou cuidadores e familiares já não estão presentes e não podem cumprir tarefas ou facilitar as coisas para a criança. Ela precisa começar a caminhar com suas próprias perninhas. Perninhas que até este momento cumpriam mais as funções de correr, pular, chutar ou mesmo permanecer em repouso enquanto sua mente divagava. Agora não podem correr a todo momento, como também não podem ficar imóveis. Devem caminhar em

direções determinadas, em tempos estabelecidos e em ritmo compatível com as demais crianças com quem irá conviver quase que diariamente. As direções, tempos e ritmos serão definidos pelo professor da turma, que é orientado por objetivos até então diferentes de seus pais e/ou cuidadores, mas cujos propósitos agora interessam sobremaneira a estes alunos.

Durante toda a década de 1980, centenas de estudos foram publicados sobre o assunto, fazendo do DDA, pelo menos nos Estados Unidos, a alteração comportamental infantil mais estudada.

O desenvolvimento nos estudos sobre o transtorno continuou e, ainda em 1980, o TDAH passou a ser o transtorno psiquiátrico infantil mais bem estudado da última década. Essa década ficou marcada pela publicação do transtorno no DSM-III, criando assim subtipos do TDA com ou sem hiperatividade. Esse manual passado por novas atualizações, descreve ainda que para ser portadora do TDAH, a criança tem de ter no mínimo seis de uma lista de nove sintomas, segundo O Manual Diagnóstico e estatístico de Transtorno Mental- DSM-IV (1995).

Exemplificando aqui as três subcategorias do TDAH:

- * Predominantemente desatenta, quando existem mais sintomas da desatenção. Este, segundo os estudos de Mattos (2008), é a forma mais comum na população em geral;
- * Predominantemente hiperativa / impulsiva, quando existem mais sintomas da hiperatividade e impulsividade, esta é a forma mais rara;
- * Forma combinada, quando existem muitos sintomas das duas outras formas mencionadas acima. Esta é a forma mais comum nos consultórios e ambulatorios, talvez porque causa mais problemas para o próprio TDAH e para os demais, o que leva os pais a procurarem ajuda para o filho, segundo o autor Mattos (2008). Em 1987, uma revisão no Manual Diagnóstico provocou uma mudança no nome de “Distúrbio de Déficit de Atenção”. Passando dessa situação, para Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH).

Depois de estudos realizados, foi atualizada a classificação do DDA. E assim, oficialmente o nome permanece associado a desatenção aos problemas de comportamento hiperativos, negligenciando a importância independente das dificuldades cognitivas da síndrome.

Segundo Ana Beatriz (2003), “Os indícios mais fortes que o Distúrbio do Déficit de Atenção que apresenta uma alteração na estrutura cerebral de seus portadores vêm dos inúmeros estudos realizados por meio de exames de neuroimagem”.

Com o passar dos anos, a expressão hiperatividade, foi sendo divulgada na televisão, no rádio, em revistas, jornais, etc.

Dessa forma, é de suma importância que os pais e/ou cuidadores e professores, aprendam a dar ordens positivas, que terão bons resultados, um pouquinho mais adiante.

Castigar uma criança por um ato impulsivo, talvez, surtirá efeito por algum tempo. Mas, devido à natureza impulsiva do ato, durará pouco tempo e ela voltará a cometer o mesmo erro. E Provavelmente, estará provocada a desagradável condição familiar, em que os pais e/ou cuidadores e professores, tornam-se ralhadores e a criança, assustada ou entediada.

O que os educadores, pais e/ou cuidadores podem fazer? Existem meios de melhorar a convivência e estimular bons comportamentos nas crianças TDAH, especialmente se elas forem do tipo mais hiperativo/impulsivo. Um exemplo, é o caso estudado do aluno Samuel e as intervenções feitas.

Aqui estão as orientações que são frutos de pesquisas do psicólogo Sam Goldstein e do neurologista Michael Goldstein, ambos especializados em crianças hiperativas e desatentas: Conhecimento (conhecer profundamente o problema capacitará os pais e/ou cuidadores a enxergarem o mundo através dos olhos de seus filhos).

Saber diferenciar desobediência e inabilidade. Uma vez que os pais e/ou cuidadores conheçam suficientemente bem o problema, eles estarão aptos a distinguir quando a criança está sendo desobediente e rebelde, ou quando, simplesmente, não está conseguindo controlar seus impulsos e fazer o que eles ou outras pessoas responsáveis estão pedindo.).

Saber dar ordens positivas. Isso vai um pouco contra o que se aprende a fazer, de forma não espontânea, levando um pouco de tempo e prática até que se acostume. Em geral, destaca-se no ambiente o que desagrada, em detrimento das situações agradáveis.

Essas informações sobre a hiperatividade na verdade, se tratava de um distúrbio neurológico que afetava crianças e adolescentes em idade escolar. Tinha por características principais, uma grande agitação e desatenção desses estudantes, o que lhes traziam uma considerável perda pedagógica e também no convívio social.

Diante das informações obtidas, procurei me deter mais sobre o assunto, mais especificamente sobre a criança hiperativa na escola. Pude observar que entre meus alunos havia alguns que apresentavam um ou mais Déficit. Eram aqueles alunos que anteriormente me referi, como irrequietos, “tagarelas”, desatentos, mas, ao mesmo tempo, “diferentes” dos demais alunos.

Explicando Meirieu (1998): Aprender sim, mas como? A resposta a essa pergunta nos remete a uma afirmativa, aquela em que todos sabem que se pode aprender sempre, em todo lugar, a todo instante da vida em constante movimento. Os professores bem sabem que a aprendizagem tende a ir além da sala de aula, ou seja, corre o mundo das descobertas e das dinâmicas relações interpessoais. Nada se faz sem desejo nos contextos da aprendizagem. O desejo nasce do reconhecimento de um espaço para investir, instigar, de um lugar e de um tempo para estar, crescer, buscar respostas, aprender. Ele (o desejo) não se deixa “enganar”, pois se articula a um mistério, como afirma Meirieu (1998).

É isto que o professor deve buscar com prioridade: apoiar-se naquilo que os estudantes sabem fazer (sua bagagem cultural) e sugerir, a partir daí, outras formas de ensinar, criando o enigma do saber respeitando os Direitos Humanos, dentro da diversidade cultural.

INTERVENÇÃO

Trabalhar com a criança com TDAH requer o preparo de algumas estratégias e intervenções de modo a sanar ou amenizar as dificuldades comuns ao transtorno e motivar o aluno e propiciar sua aprendizagem. Como: Uso de material concreto, histórias, fichas, objetos, gravuras, recortes, oficinas, jogos diversos, ordenar e narrar fatos exercitando a concentração e atenção do aluno, atividades lúdicas diversificadas; Dialogar diariamente com a mãe do aluno, a respeito do seu desenvolvimento durante a aula, pois a criança requer atenção, carinho, acompanhamento para que possa desenvolver suas habilidades, ela terá uma melhor evolução se for acompanhada e se sentir o apoio da família.

Ensinar as atividades também em grupo para que ele aprenda a socializar melhor, aumentando a sua relação com os colegas, professora e primos (escola e casa). Usar de criatividade ao transmitir os conteúdos com estratégias para atrair a atenção da criança em atividades monótonas, repetitivas e rotineiras; Unir atividades físicas (alongamento, pular: corda e elástico) aos processos de aprendizagem; Usar giz de cores distintas para evidenciar aspectos relevantes do conteúdo. Alternar atividades de grande e menor interesse no decorrer da aula; Apresentar instruções diretas, curtas e claras; orientar a criança sobre como lidar com as regras e combinados em sala de aula. Ou seja, rotinas como: ir ao banheiro, ajudante do dia, quantos somos, calendário entre outros.

Segundo Fernández (2001), “A família deve ser constantemente presente na vida escolar da criança para seu melhor desenvolvimento, já que os pais são os primeiros educadores e os mesmos determinam algumas modalidades de aprendizagem dos filhos”.

De acordo com Gilda Rizzo (1985, p.307) “proporcionar atividades variadas que ocupem a criança o maior período de tempo possível, dando a ela liberdade de escolha e de movimentos.” Inserir assim, atividades físicas (alongamentos, pular: corda e elástico), ao processo de aprendizagem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Diante da análise de dados, observei que os profissionais da educação dessa instituição, sabem sobre a existência do transtorno e as características que mais descreve essas crianças e sabem diferenciar o comportamento excessivo das mesmas, pois se trata de uma escolas inclusiva. Decerto ainda há alguns obstáculos e dificuldades a serem enfrentados, devido a alguns fatores que podem influenciar tal comportamento. Tais como: causas familiares, emocionais e sociais onde essas crianças acabam sendo excluídas do processo de aprendizagem por se acharem incapazes de aprender, de seguir o ritmo da turma, sendo rotuladas de forma negativas e ocasionando nelas sentimento de culpa, de inferioridade, baixa auto-estima, desinteresse pelos estudos e ansiedade.

Por ser meu aluno facilitou a observação e o estudo. O fato dele ser uma criança agitada, apresentar problemas de comportamento e falta de concentração, me chamou a atenção e despertou um certo interesse em estudar o caso.

Quando assumi a turma, ele já era rotulado pelos colegas de “o terrível” e outros adjetivos negativos. Percebi que havia algo de diferente nele, porque ao contrário do que se diziam, ele era e é ainda uma criança dócil, carinhosa e inteligente, mas que não consegue parar quieto, está sempre tentando chamar a atenção, e raramente completa atividade propostas. Distrai-se mexendo com o colega mais próximo, andando pela sala, às vezes quando contrariado, fica um pouco agressivo, nervoso com os colegas e atrapalha o desenvolvimento da aula. Mesmo assim continua respeitando a professora.

Ao passar todos esses acontecimentos para a equipe pedagógica da escola, fiquei sabendo que ele já apresentava essas características, desde de 2013, quando entrou na escola e que conhecem o histórico de familiares (primos que estudaram ou estudam na escola). Seu problema maior estava em não conseguir ficar quieto e prestar atenção.

A mãe sempre esteve ciente de tudo que estava acontecendo com seu filho e demonstra interesse em ajudá-lo. Mesmo porque desde quando o Samuel nasceu, vem sendo acompanhado por especialistas da área.

Após o diagnóstico dado por esses especialistas, tanto a família como a escola passou a compreender melhor seu comportamento do Samuel. Pode-se dizer que a união da família com a escola em torno do problema apresentado parece ser a peça-chave para solucionar ou pelo menos amenizar as dificuldades encontradas. Para comprovar este estudo realizei uma entrevista com a mãe do referido aluno, e com o próprio aluno.

A entrevista foi feita com questões abertas, onde a mãe preferiu fazer um relato por escrito sobre a infância e vida escolar do seu filho. E um questionário direcionado ao aluno com seis questões.

A técnica utilizada foi a entrevista com perguntas e respostas escritas. Na análise do diagnóstico são ressaltadas as estruturas cognitivas, disponíveis a aquisição de novos conhecimentos e as potencialidades, as diferenças individuais devem ser respeitadas. A proposta de ação corresponde às características da criança em relação ao seu pensamento e a aspectos de seu desenvolvimento.

O resultado das várias atividades comprovou que o menino apresenta dificuldade concentração. Por isso, ele necessita da intervenção da professora com estratégias diversificadas, atendimento individualizado e um tempo maior para concluir suas tarefas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora já tenhamos estudos no Brasil, ainda é inquietante para os professores saber como atender e como fazer o encaminhamento das crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Tem-se a expectativa de que as intervenções realizadas proporcionem sucesso do aluno no desenvolvimento de aprendizagem, buscando ajuda, para os problemas enfrentados com os professores e alunos. Assim, Mostra aos pais, como é importante a presença deles para estas crianças e como eles devem agir em algumas dificuldades no dia a dia. Sabendo lidar com este déficit. Sabendo diferenciar quando é birra e quando é o TDAH. Lembrando que a criança deve ser tratada como as outras, chamando atenção quando necessário e parabenizando quando merecer.

A ausência de preparo de educadores, condições difíceis de funcionamento de gestão administrativa, pedagógica e estrutural, da maior parte das escolas; questões econômicas, sociais e culturais das famílias, em meio a outros, têm servido de pauta para debates dentro e fora da escola, responsabilizando estes fatores como ocasionadores dos problemas de aprendizagem escolar, contribuindo com a carência de estímulo de alunos e professores.

Acredito que as intervenções são de suma importância para desenvolver as capacidades do aluno, bem como eliminar ou diminuir obstáculos e dificuldades postas à aquisição do conhecimento. E também preparar o estudante para aprender a aprender e agarrar as possibilidades de acordo com os Direitos Humanos.

Alguns professores ainda desconhecem o problema da hiperatividade e pode concluir que essa criança é irresponsável ou rebelde, pois em um dia pode estar produtiva e participante, mas no dia seguinte simplesmente não prestar atenção em nada e não tem compromisso com os deveres. Esse comportamento acaba por atrair bastante atenção do professor, mesmo que essa atenção, às

vezes seja negativa. Isso pode causar desacertos em sala de aula, já que as outras crianças perceberão um “ambiente diferente, desagradável” e poderão se interessar mais no embate entre professor e aluno hiperativo do que em suas tarefas. Certamente essa situação compromete o desenvolvimento de aprendizagem de toda turma.

Os quesitos da pesquisa foram escolhidos de modo a atingirem os objetivos almejados com esse trabalho. Para responder as minhas inquietações, contei com a colaboração de uma coordenadora e uma pedagoga da escola, minha experiência como professora participante da pesquisa, diálogo diariamente com a mãe da criança (comportamento em casa e em outros locais), entrevista com o estudante Samuel e alguns conhecimentos teóricos adquiridos no desenrolar da pesquisa.

Para o professor alcançar sucesso em sala de aula é importante lançar um olhar especial para seu aluno, criando estratégias e guiando-o no seu desenvolvimento pedagógico. Mas, o empenho em apresentar melhores práticas pedagógicas de intervenção para TDAH, depende de um planejamento conjunto de atividades significativas de ensino/aprendizagem que permitam ao aluno atingir os objetivos previstos num determinado grau de exigência.

Os profissionais da educação, que estão na dinâmica da sala de aula, são a principal “via” por onde esses meninos e meninas alicerçarão seus conhecimentos acadêmicos frente aos aspectos: cognitivos, afetivos, emocionais, culturais desenvolvidos.

Assim, compartilho a colocação de Schmid, Coelho e Ribeiro (2008), quando afirmam que “a verdadeira inclusão social vai além de um ato isolado ou de um conceito formulado”. Incluir significa o respeito à diferença cultural, um reconhecimento acerca da singularidade do sujeito diferente, estabelecendo-se, paralelamente, uma mudança do foco para as suas potencialidades.

Com essa pesquisa, pude constatar que o assunto TDAH, é amplo e complexo, portanto: Inclusa, pois “a educação é um direito de todos para todos”.(Resolução CNE/CEB Nº 02/2001,Intitui Diretrizes para a Educação na Educação). Devido a falta de tempo e algumas dificuldades enfrentadas não foi possível aprofundar mais a fundamentação teórica, portanto, penso em continuar essa pesquisa futuramente para colaborar com futuros pesquisadores.

Pois é justamente, no início da vida escolar que essas diferenças podem revelar sua potencialidade problemática. Pois até então, a criança contava com a estrutura familiar para se organizar e, além disso, muitas de suas características hiperativas e/ou desatentas poderiam não estar acarretando problemas, sendo até consideradas engraçadinhas. Agora essa criança, precisa ajustar-se às regras e à estrutura de uma educação continuada, em que há cobrança de desempenho e muitas vezes, enfrentará as dificuldades em adequar-se a rotinas tão esquematizadas.

ILUSTRAÇÕES





REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível na internet: Acessado em 11/09/2015.

GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michel. Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 9ª ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

MEIRIEU, P. Aprender... Sim, Mas Como? Trad. Vanise Dresch. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHMID, P. C.; COELHO, M. A. S. M.; RIBEIRO, L. P. Sou Especial e estou na escola. E agora? Ed. Vieira e Lent, 2008.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SILVA, Ana Beatriz B. Mentres Inquietas: Entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas. São Paulo: Gente, 2003.

FERNANDES, Alícia. A inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MATTOS, Paulo. No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

RIZZO, G. Educação Pré- Escolar. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

EIDT, Nadia Mara; FERRACIOLI, Marcelo Ubiali. O ensino escolar e o desenvolvimento da atenção e da vontade: superando a concepção organicista do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lúcia Márcia, org. Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil. Campinas: Alínea, 2007.